

Partidos médios devem crescer

MARIA IZABEL FREITAS
Da Editoria de Política

A reacomodação partidária no Congresso será acelerada após, ou durante, a Assembléia Nacional Constituinte, principalmente por iniciativa dos chamados pequenos partidos, que desejam crescer com a filiação para os seus quadros de parlamentares eleitos por legendas ainda menores — os já apelidados de “nanicos”.

Para que se entenda melhor a variada salada de partidos que compõem o Poder Legislativo após as últimas eleições, retira-se do total de 487 deputados eleitos os 257 que se dizem peemedebistas. Sobram 230, dos quais subtraem-se 120 eleitos pelo PFL, e tem-se o número de 110 parlamentares divididos pelas 10 legendas restantes.

Desse total, 34 estão no PDS, 24 no PDT, 16 no PT e 17 no PTB. Esses são os pequenos partidos, que estão de olho nos 3 do PCB, 1 do PSB, 6 do PL, 1 do PSC, 5 do PDC e 3 do PC do B. São os menores que os pequenos — os “nanicos” da Nova República. Alguns desses partidos, porém, não cumpriram a determinação legal de registrarem-se antes da diplo-

mação de seus parlamentares eleitos, que correm o risco de encarar uma Assembléia Nacional Constituinte simplesmente sem filiação partidária. A saída honrosa, no caso, será a de buscar abrigo em outras legendas, que os acolham nem tanto por coloração ideológica mas também para crescerem em número.

Essa estratégia, que já encontrou eco em gênero, número e grau no gabinete do deputado Gastoni Righi, líder do PTB, tem endereço certo: as eleições municipais de novembro do ano que vem. O fortalecimento dos partidos do mesmo porte do PTB significa que eles poderão entrar na disputa das prefeituras com algum cacife para competir com as duas grandes legendas do Congresso, o PMDB e o PFL que, aliás, também correm o risco de perder parlamentares alheios às suas linhas ideológicas, se é que as têm.

Um dos argumentos utilizados para que essa reacomodação ocorra logo, com vistas às eleições municipais, é a falta de base eleitoral dos “nanicos” no interior dos Estados.

Os pequenos partidos, bem ou mal, já possuem alguma estrutura e será por aí que usarão seu jogo de sedução. O deputado Gastoni Righi, por exemplo, não tem certeza se a fórmula vai dar certo, mas já tem como certas duas novas filiações. Uma do PSC, a única deputada eleita Tutu Quadros. A outra poderá vir do PDS ou até mesmo do PFL, segundo ele.

Além do objetivo eleitoral, os pequenos partidos têm, ainda, o discurso da formação de legendas ideologicamente bem delineadas no Congresso. É o caso do PMDB, que abriga às vezes no mesmo Estado inimigos mortais, e do PFL que, até agora, não conseguiu passar de dissidência. O expurgo natural, segundo Righi, beneficiará os pequenos partidos, na medida em que o PMDB defina se será uma legenda de centro-conservador ou se continuará abrangendo os integrantes de sua chamada “ala esquerda” que, até agora, sentem-se ameaçados e tolhidos pela condição de “partido do governo” e pelo apetite voraz do deputado Ulysses Guimarães.